

AS CONTRIBUIÇÕES DO ATO DE “LER BEM” NA FORMAÇÃO DOCENTE

Laís Melo Lira
Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE.
Bruna Isabel Bezerra Soares
Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE.
Regiane Rodrigues Araújo
Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE.
Gercilene Oliveira de Lima
Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará - UECE.
Maria Socorro Lucena Lima
Dra. em Educação e Profa. da Universidade Estadual do Ceará- UECE.

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo compreender as contribuições do ato de “ler bem” na formação docente. O professor é um mediador do processo de ensino aprendizagem, essa atividade requer do mesmo a apropriação da leitura para fundamentar a sua prática educativa. Com o avanço da tecnologia da informação e comunicação, a leitura da imagem, têm distanciado as pessoas do universo leitor. Vale realçar que os problemas sociais decorrentes da crise da urbanização subtrai o tempo das pessoas. O objetivo da pesquisa consiste em reconhecer a leitura como compromisso na formação docente, reconhecendo-a como elemento de reflexão para uma leitura crítica de mundo. Esta investigação trata-se de um estudo introdutório, bibliográfico. Este estudo tem como referência as ideias dos seguintes autores: Lima (2012), Franco e Guedin (2008), Freire (1989), Nóvoa (2009). Os resultados iniciais, mostram a necessidade do professor, interpretar e compreender para intervir na realidade social dos alunos.

Palavras-chave: Formação docente. Leitura. Reflexão Crítica.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo compreender as contribuições do ato de “ler bem” na formação docente. O professor é um mediador do processo de ensino aprendizagem, essa atividade requer do mesmo a apropriação da leitura para fundamentar a sua prática educativa.

Com o avanço da tecnologia da informação e comunicação, a leitura da imagem, têm distanciado as pessoas do universo leitor. Vale realçar que os problemas sociais decorrentes da crise da urbanização subtrai o tempo das pessoas.

O objetivo da pesquisa consiste em reconhecer a leitura como compromisso na formação docente, reconhecendo-a como elemento de reflexão para uma leitura crítica de mundo. Esta investigação trata-se de um estudo introdutório, bibliográfico. Este

estudo tem como referência as ideias dos seguintes autores: Lima (2012), Franco e Guedin (2008), Freire (1989), Nóvoa (2009).

Compreende-se que através da mediação do professor o educando pode fazer uma boa leitura com uma diversidade significativa de textos e com esse exercício contínuo da leitura e reflexão crítica da mesma ampliará o seu nível intelectual. Nessa perspectiva é de fundamental importância que o docente tenha uma gama de conhecimentos sobre os mais variados tipos textuais, a fim de que possa fazer o confronto de ideias de modo que proporcione aos educandos a criticidade e a reflexão sobre o contexto em que estão inseridos.

Desse modo, o professor pode estimular a relação existente entre o conhecimento de mundo dos seus educandos com os conhecimentos sistematizados adquiridos nas leituras.

1. A LEITURA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM MEIO A URBANIZAÇÃO E OS AVANÇOS TECNOLÓGICOS

A urbanização, a expansão e democratização das escolas, o fácil acesso às tecnologias, principalmente nos centros urbanos de maior porte são fatores que vieram acelerar o processo de aquisição do ato de ler. Com o desenvolvimento das cidades, fluxo de pessoas e mercadorias ocorre mudanças significativas no modo de vida dos cidadãos. Remetendo estas mudanças ao mercado de trabalho é perceptível, no século XXI, o acúmulo de tarefas em que as pessoas estão inseridas, limitam o acesso a cultura leitora.

Entendemos que a urbanização sem o devido planejamento social e político além de retardar o acesso no processo de escolarização, acaba acarretando prejuízos na formação do sujeito. E como consequência pode se afirmar que esse crescimento desordenado também comprometeu o tempo das pessoas, e como exemplo temos: as longas filas para realizar determinadas tarefas, engarrafamentos e esperas por transportes coletivos que muitas vezes, encontram-se lotados.

Na educação, os professores têm a tarefa de aliar conhecimentos à aprendizagem dos seus educandos, procurando formas de lidar com a diversidade de textos existentes e com a utilização de novas tecnologias. Conforme Nóvoa (2009, p. 12) nos esclarece,

Os professores reaparecem, neste início do século XXI, como elementos insubstituíveis não só na promoção das *aprendizagens*, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios da *diversidade* e no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das *novas tecnologias*.

Percebemos na fala do autor que as atividades que são postas aos docentes devem estar aptas ao trabalho de aprendizagem significativa dos alunos, além de saber lidar com o aparato tecnológico, bastante utilizado nos dias de hoje por muitos docentes, vale reforçar que estas atividades devem ser vistas como ferramenta auxiliar em sala de aula.

Sabemos que com o avanço da tecnologia, da informação e da comunicação, a leitura de imagem é exaltada em detrimento da leitura da escrita, a imagem, por seu fascínio e esplendor, pode gerar o afastamento da leitura textual informativa e formativa.

É sabido que hodiernamente são inúmeras as quantidades de leituras, informações que surgem na internet, estas vieram para acelerar esse processo, lançando diariamente textos que podem ser acessíveis a todos. Porém, como informações não configuram a apreensão de conhecimentos, o professor tem a tarefa imprescindível de discutir com os alunos o que realmente é essencial para sua aprendizagem.

Os estudantes podem ter acesso a muitas informações, no entanto é preciso atentar para a necessidade de maior aprofundamento dos assuntos estudados. É fundamental saber que a leitura exige entendimento, compreensão, para que se efetive o processo de aprendizagem.

Ler e reler um texto pode gerar no mesmo leitor, diversas interpretações acerca do mesmo assunto, por meio dessa prática, podemos perceber situações que passaram despercebidas com a primeira leitura e chegar a novas conclusões.

É preciso que o professor em sua formação continuada tenha a consciência de fazer a diferença entre “ler muito e ler bem”, já que ler muito não configura a mesma coisa que ler bem, ou seja, transformar informações em conhecimento em meio a diversidade de escritos, através da seletividade faz com que aprendamos a ler bem e, de tal modo, que através do anseio da leitura chegaremos ao conhecimento intelectual. Nesse propósito de enfatizar o ato de ler bem, Freire (2011, p. 27) descreve o que é uma leitura crítica,

Não se lê criticamente como se fazê-lo fosse a mesma coisa que comprar mercadoria por atacado. Ler vinte livros, trinta livros. A

leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito.

Concordamos com Freire, e afirmamos que não é a quantidade de livros que torna uma leitura crítica, mas o comprometimento, a interação, a compreensão, a contextualização e a postura que o sujeito apresenta em relação ao escrito. Neste sentido, o ato de “ler bem” é um dos elementos que compõem a leitura crítica.

2. ENTRE O ESCRITO E O LIDO: A LEITURA COMO APROPRIAÇÃO DO CONHECIMENTO

O processo de leitura está na base da formação de professores. Ela extrapola a leitura da palavra, significando um processo interpretativo do que se leu e a compreensão do que se coloca nas linhas e nas entrelinhas do texto, pois: “Ler, no fundo, não é apenas contemplar, mas ser levado, pelo texto, a pensar e a fazer certas coisas que nem tínhamos imaginado (...)”. (SILVA, 2008, p. 81).

Podemos entender a citação como prazer em aprender a fazer e ensinar através da leitura. Trazemos, mesmo que implícito, algumas intenções naquilo que pretendemos fazer, falar ou não falar, e a leitura pode nos proporcionar os mais diversos tipos de sensações.

Dessa forma a leitura reflexiva pode oferecer movimentos de criação, descoberta, de prazer em conhecer situações, mundos, histórias até então desconhecidas, de transformar os conhecimentos, gerando novas opiniões. De ser levado a recriar todas as formas de concepções de mundo até agora vivenciadas por si mesmo e por seus educandos.

O ato de ler revela uma infinidade de aprendizados e a liberdade que tanto apregoava Paulo Freire. Liberdade de pensar, aprender, criticar e sair da situação de “oprimido” e desenvolver a conscientização de sua real condição social.

Segundo Freire (1989, p. 11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, então, introduzir *saberes sistematizados* a partir do conhecimento de mundo de cada pessoa, o “gosto” pela leitura, pode ampliar, ainda mais, o conhecimento de mundo e a assimilação de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade.

Entre o escrito e o vivido, também não podemos deixar passar despercebido uma situação que se contrapõe ao que foi dito anteriormente com relação ao apresentar a leitura ou em construí-la. Pois, é bem verdade que em meio às diversas atribuições da vida cotidiana, em muitos casos, para aqueles que exercem a função do magistério tornam-se mais difíceis à prática da procura por diversas formas de leitura, algumas vezes o profissional detém-se apenas a utilização do recurso do livro didático, tornando somente este instrumento como balizador de suas atividades, restringindo, assim, o conhecimento a determinado assunto e não proporcionando o confronto de ideias aos seus educandos.

A leitura tem essa capacidade de propiciar o senso crítico, questionador a quem faz o seu uso de forma social e crítica. De acordo com Silva (2008, p. 29), o professor que não possui o poder de fazer as interpretações críticas dos mais variados tipos textuais não consegue orientar seus alunos mediante atos de leitura, conforme explicita o autor,

Muitas vezes ocorre que nem mesmo o professor apresenta competências para o enfrentamento crítico dos diferentes tipos de textos e, por isso, torna-se incapaz de dar o seu testemunho de leitor a fim de viabilizar algum tipo de caminho para orientar os seus alunos.

Possuir uma bagagem carregada de cultura leitora, artística, entre outras pode proporcionar ao docente o debate com seus alunos sobre os mais variados temas, havendo troca mútua de saberes e dando a chance de se saber que sempre podemos aprender algo a mais ou ensinar algo diferente, além disso: “(...) a dependência cega dos livros didáticos faz com o único parâmetro para a condução da leitura sejam os “passos” fornecidos após o texto proposto na lição (...)” (SILVA, 2008, p. 29).

As restrições aos mais diferentes instrumentos ou somente repeti-los acaba por não considerar o conhecimento de mundo dos alunos, e de impossibilitar aprendizagens significativas.

Devido a isto é preciso contar com o maior número de recursos didáticos, assim sendo, este pode ser uma forma de enriquecer as aulas, mas sem esquecer que não é só quantidade dos mesmos que irá fazer a diferença, mas a forma como será utilizado para chegar ao entendimento dos alunos e a motivação dada para o assunto estudado.

Uma das estratégias pode ser a leitura compartilhada em turma que proporciona essa sensação de motivação, de dialogicidade, a multiplicidade de interpretações. Lembrando que a escuta em todas as linguagens é ponto de partida para que se alcance uma discussão sobre o assunto. A partir do diálogo estabelecido podem surgir várias problemáticas, por exemplo: tentar entender, por que existem tantas disparidades sociais, por que não são implantadas políticas públicas efetivas naquilo que se propõem, remetendo a criticidade que a leitura disponibiliza.

Ao deparar-se com algum tipo de texto o leitor precisa estabelecer objetivos que deseja alcançar com a mesma e dedicar atenção especial a cada tipo ou gênero textual, pois mediante a heterogeneidade encontrada isso pode fazer uma diferença enorme. Nesse sentido de acordo com Silva (2008, p. 02),

Ler é uma atividade-meio que deve estar a serviço de um projeto que a perpassa e a ultrapassa. Podemos afirmar, sem risco de erro, que saber ler é aprender a utilizar o escrito para levar a cabo diferentes projetos, quer dirigidos por propósitos de estudo, quer orientados por laçeres existenciais. Esta afirmação nos leva a perceber que uma leitura foi produtiva, eficiente e bem feita quando realiza o projeto que inicialmente a provocou (SILVA, 2008, p. 02).

É a partir desse objetivo em mente que o professor despertará nos seus educandos a vontade em ler mais e melhor seja os texto impressos ou textos na web. Pois é na prática que aprendemos melhor, como nos ensina Paulo Freire (1989) “praticando, aprendemos a praticar melhor” é o que impede de o professor cair no espontaneísmo durante sua prática. Trazendo para a *práxis* que esta “seria, então, a prática impregnada e dinamizada pela reflexão” (LIMA, 2012).

Dessa forma, o professor somente poderá ser reflexivo se dominar o processo de letramento para compreender e fazer a análise e a crítica do que foi lido para depois conseguir concretizar o ato de ensinar, sem abrir mão da ação e reflexão presentes na sua prática, ou seja, teoria e prática contextualizadas e reflexivas.

CONSIDERAÇÕES

Diante da urbanização acelerada e das crises sociais decorrentes da mesma, podemos tentar conciliar a diversidade existente, culturas, pessoas aos avanços tecnológicos que o docente se depara durante o ato de ensinar. Este, não tendo uma

postura neutra, nela o educador tem a chance de despertar nos educandos o gosto pela leitura, pelo conhecimento e estes desenvolverem aprendizagem significativa, ampliando, ainda, a sua leitura de mundo de forma crítica e reflexiva.

A leitura causa a curiosidade, a busca por mais conhecimentos, cabe ao professor utilizar de meios que desperte esse interesse nos educandos, passar da interpretação para a compreensão de cada “passo” e partindo da ação chegar à reflexão da sua prática. Ter objetivos claros que seus alunos alcancem junto a ele a criticidade e reflexão de cada ato educativo. Dessa forma, compreendemos que a leitura é o eixo da formação, a base, sem a qual não existe reflexão nem a análise crítica da realidade.

Os achados da pesquisa nos permitiu refletir sobre o lugar do professor e de sua metodologia-didática na imensidão de conteúdos metodológicos expostos na web. Refletimos ainda acerca da necessidade ética que o educador tem entre a clareza e riqueza da leitura de texto realizadas na internet e os textos impressos. Pois sabemos que muitos professores expõem em sala de aula assuntos de cunho científico que são veiculados na internet sem nenhuma autenticação e certificação sobre a veracidade do fato, dessa forma o educando passa aos seus alunos mesmo que inconscientemente o hábito indevido de “copiar tudo da internet” inclusive deixando transparecer uma pseudoaprendizagem.

Diante disso, acreditamos que os cursos de licenciatura que preparam sujeitos para atuarem diretamente sobre a formação social e educacional dos demais sujeitos, devem trabalhar significativamente no que diz respeito a formação do professor para a utilização de recursos midiáticos em sala de aula, ou seja, preparar o professor na universidade no que concerne a ética metodológica e didática quanto a exposição de aula, para que assim, os educandos desenvolvam a reflexão crítica e criativa quanto a aprendizagem. O aluno precisa criar ideias entre erros e acertos, e não somente reproduzir o conhecimento que circula na web.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa.

São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**.
Brasília: Liber Livro, 2012.

NÓVOA, António. **Professores: imagem do futuro presente**. Lisboa: EDUCA, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Unidades de leitura** – trilogia pedagógica. 2ª Ed. I
reimpressão. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.